

A nobreza real

Um itinerário secular

Uma inspiração secular

A busca pela influência da ideia de nobreza real na história de Francisco de Assis, especialmente através do questionamento de seus biógrafos, oferece a possibilidade de traçar um “itinerário secular” de sua aventura cristã. A própria Maria Sticco, Missionária da Realeza na escola de Armida Barelli, não só secular, mas de ideais do *Risorgimento*, e de Agostino Gemelli, cientista socialista e positivista, capta isso perfeitamente. Especialista em literatura, Maria Sticco só consegue observar a influência do romance francês que destacou o amor gentil dos cavaleiros, nas narrativas franciscanas, senão na vida de Francisco, filho de Madonna Pica. Maria Sticco, portanto, só pode propor um Francisco “Arauto do grande rei”, enquanto tanto Barelli quanto Gemelli evitam um cristianismo excessivamente sagrado. Para eles, de fato, o cristianismo não é o dos defensores do poder temporal dos papas, insensíveis às aspirações modernas de autonomia nacional, mas sim o fermento que transforma a cidade do homem, uma cultura que torna as mulheres e os homens cidadãos de um reino que, claro, não pode ser o fascista, nem o mundano da economia burguesa e ligeira da bell'époque. É um Reino diferente aquele do arauto Francisco que anuncia a paz e canta às criaturas, fazendo da humanidade uma fraternidade universal. Falando do Padre Gemelli, que se tornou franciscano, mas manteve a laicidade do cientista, Sticco escreve: “ao coro das águas, do fogo, da terra do homem perdoador, penitente, moribundo, tão bem sentido por Francisco, este seu irmão do século XX, acrescenta o núcleo de trabalhadores que celebram livremente a Deus, cooperando nos seus planos com o seu trabalho e esforço (Padre Gemelli, 346). Hoje gostaria de ler com vocês as fontes franciscanas na perspectiva de Maria Sticco, aluna de Barelli e a primeira a sucedê-la na liderança do Instituto das Missionárias da Realeza!

Comerciante de nobres sentimentos

É com o “fascínio da nobreza” que Deus conquista o desejo do jovem mercador de Assis, já invulgarmente inclinado à generosidade para com os pobres. O próprio Tomas de Celano, seu primeiro biógrafo, demonstra isso com riqueza de detalhes. Numa Assis invadida pela nova cultura mercantil, seduzida pelo puro interesse econômico a ponto de se tornar grosseira e até vulgar, Francisco destaca-se por uma elegância invulgar: uma nobreza de alma, enraizada numa generosidade régia quase inata. Francisco contrasta a vaidade e sobretudo a avareza, que viciam a cultura mercantil, com a sua abertura de espírito, quase uma antecipação daquela irrupção divina, que mais tarde o levaria entre os leprosos a mostrar-lhes misericórdia.

Não se trata tanto de uma crítica rancorosa à sociedade mercantil, mas da utilização de uma linhagem secular - a do amor cortês - capaz de interceptar o secular Francisco - filho de Pedro Bernardone e da provençal Madonna Picca - e a sociedade como um todo, a qual pertence e o atrai, elevando-o a ponto de torná-lo cantor da Beleza suprema. Resumindo: o comerciante Francisco, conquistado pelo grande Rei, torna-se seu arauto, introduzindo todo o mundo dos negócios, ao qual pertence, no Reino dos Céus, no novo eon. Ele é o homem novo por excelência, cidadão de outro

reino, como escreveria mais tarde na Regra. A primeira fraternidade, como testemunha o próprio Tomas de Celano, não pretende, portanto, demolir a cultura mercantil, mas sim conquistá-la por dentro, através de um dos seus descendentes, demonstrando a vantagem, mesmo econômica, da transição da avareza, destruidora do bem comum, à generosidade, que, ao contrário, cria a fraternidade com todos, finalidade primeira e original do “mercado”, como lugar de encontro e troca:

Objeto de admiração de todos, procurou superar-se em todos os lugares e com ambição sem limites: nos jogos, nos requintes, nos belos lemas, nas canções, nas roupas suntuosas e macias. E ele era realmente muito rico, mas não mesquinho, antes pródigo; não ganancioso por dinheiro, mas esbanjador; comerciante astuto, mas muito generoso na vanglória; além disso, foi muito cortês, condescendente e afável, embora em seu detrimento. Precisamente por estas razões, muitos, devotados à iniquidade e aos instigadores do mal, ficaram do lado dele. Assim, rodeado de desordeiros, avançou arrogante e generosamente pelas praças da Babilônia, até que Deus, na sua bondade, pousando sobre ele o seu olhar, tirou dele a sua ira e não pôs nos lábios do miserável homem o freio do seu louvor, para que não perecesse completamente (Celano I, ff 320)

O namoro de Deus

Se a nobre generosidade, régia da sua natureza, já predispõe Francisco a dar passos de conversão, é, no entanto, o cortejo régio de Deus que estimula a sua transição da amplitude inata do espírito para o desejo de feitos cavaleirescos. À medida que avança a sua transformação interior, de fato, o mercador sente-se cada vez mais atraído pelas virtudes cortesãs dos cavaleiros: decide assim partir para a Apúlia, seguindo um nobre de Assis, seduzido pela aventura dos cruzados. Foi o próprio Papa Inocêncio III quem convocou os “homens de armas” à sua volta, como outro Rei Artur na mesa redonda. Na verdade, ele está preocupado com a difícil situação em que se encontra o seu protegido, Frederico II, ainda jovem e, portanto, incapaz de defender o seu reino de uma verdadeira anarquia dos poderes principescos. Tomas de Celano situa neste ponto a transformação do comerciante em cavaleiro, uma cavalaria de alma, feita de audácia, generosidade, magnificência, a ponto de colocar a vida em risco. As virtudes da literatura de cavalaria dos Palladianos do Rei Carlos, Orlando e Oliver, constituem o estágio intermediário na evolução que leva o comerciante a se tornar “o arauto do grande Rei”, passando pelo cantor do amor cortês:

Um cavaleiro de Assis organizava então grandes preparativos militares: cheio de ambições, para obter maiores riquezas e honras, decidiu liderar as suas tropas para a Apúlia. Ao saber disso, Francisco, alegre e muito ousado, negociou imediatamente para se alistar com ele: era inferior a ele em nobreza de nascimento, mas superior em grandeza de alma; menos rico, mas mais generoso (Celano II, ff 325)

A linguagem dos sonhos

Se são os sonhos aventureiros da cavalaria cortês que abrem o caminho para Francisco, o próprio Senhor, o grande Rei, não deixa de se adaptar à sua linguagem: oferece-lhe que

comece a experimentar a sua voz precisamente através da linguagem encantada das visões noturnas. Deus entra na ponta dos pés no universo da cavalaria: em vez das pilhas de roupas, marca registrada da loja do mercado, oferece-lhe a imagem onírica de armas reluzentes, destinadas aos cavaleiros do futuro nobre soberano, marido da senhora pobreza, mãe de uma irmandade dos pobres:

Na noite anterior, Aquele que o havia golpeado com a vara da justiça visitou-o em sonho com a doçura da graça; e como era ávido por glória, conquistou-a com a mesma miragem de uma glória superior. Ele pareceu ver a casa coberta de armas: selas, escudos, lanças e outras armas de guerra, e se alegrou muito, perguntando-se com espanto o que seria aquilo. Na verdade, seu olhar não estava acostumado a ver aquelas ferramentas em casa, mas sim a pilhas de tecidos para vender. E embora tenha ficado bastante surpreso com o acontecimento inesperado, ouve dizer: «Todas estas armas são para ti e para os teus soldados» (Celano II, ff 326).

A conversão não é o resultado de uma intervenção de cima, efeito de uma irrupção surpreendente e quase impositiva, mas um processo local, feito de vida quotidiana e sobretudo de respeito pelos desejos e aspirações do seguidor do Rei Supremo. Na realidade, Francisco nunca teria partido para a Apúlia, percebendo, com o passar do tempo, que a sua interpretação do sonho não era totalmente verdadeira. O sonho do cavaleiro, o encanto da nobreza real, porém, já amadureceu nele novas decisões. Ele não se encontra mais no papel de comerciante, nem no de cavaleiro. Ele percebe que deve vender todas as suas roupas, inclusive a armadura do cavaleiro. Só assim ele poderá comprar a pérola preciosa, rara e verdadeiramente real:

Já mudado espiritualmente, mas sem deixar nada vazar para fora, Francisco renuncia à ida à Apúlia e compromete-se a conformar a sua vontade à de Deus. Ele se afasta um pouco da turbulência do mundo e do comercialismo e tenta manter Jesus Cristo na intimidade do seu coração. Como um comerciante astuto, ele tira do olhar dos cétricos a pérola que encontrou (Mt 13,45-46) e trabalha secretamente para comprá-la, vendendo todo o resto (Celano III, ff 328).

O olhar dos primeiros companheiros

Neste processo de transformação do futuro cavaleiro da Madonna Pobreza, delineado por Tomas de Celano, a Lenda dos Três Companheiros intervém com alguns acréscimos importantes, fruto dos materiais "daqueles que estiveram com ele", desde as origens da irmandade: Rufino, Leão e Angelo. Os Companheiros de Francisco, de fato, precedem a partida do cavaleiro para a Apúlia pela batalha de Collestrada, confronto entre nobres e mercadores, cultura nobre e cultura mercantil. O mercador sai como um perdedor não tanto no nível material da derrota na guerra, mas no nível cultural, simbólico e espiritual. Na verdade, é uma derrota que faz adoecer Francisco, preso durante longos meses, não só porque está numa cela, preso por pesadas correntes: no confinamento de Perugia, a opacidade do seu olhar obriga-o a uma metamorfose, que resulta na decisão de se tornar cavaleiro. Assim ocorre a transição da identidade mercantil para a identidade cavalheiresca do amor cortês.

A inversão é representada pela cena em que Francisco dá seu suntuoso vestido de presente a um nobre caído. E é apenas parcialmente uma reprodução do episódio de Martinho de Tours, narrado por Sulpício Severo, que presenteia o pobre com o manto. Para a Lenda dos Três Companheiros, de fato, Francisco não faz apenas um gesto de caridade para com um homem com frio e pobre, mas um ato de restauração da nobreza decaída. Exatamente o oposto da batalha de Collestrada, uma tentativa de suprimir a nobreza, agora considerada inútil, prejudicial ao processo de evolução social, impulsionado pelo altivo poder mercantil. Agora, porém, o comerciante está insatisfeito, reconhece a incoerência dos seus objetivos: procura uma nobreza real, que direcione a sua busca para outros caminhos que não o sucesso econômico.

Na verdade, mesmo a Lenda dos Três Companheiros desde o início não esconde uma nobreza que contrasta com a natureza prosaica do comerciante, identificando-a com a cortesia feminina provençal:

Tendo chegado à juventude, com uma inteligência vívida como era, começou a exercer a profissão do pai, o comércio de tecidos, mas com um estilo completamente diferente... Em diversas ocasiões, seus pais o repreenderam por seu desperdício exagerado, como se ele fosse descendente de um grande príncipe e não filho de mercadores... A mãe, ao ouvir os vizinhos falando sobre a prodigalidade do jovem, respondia: "O que você acha do meu garoto? Será um filho de Deus, pela sua graça"... Mandava fazer roupas mais suntuosas do que as adequadas à sua condição social (Legenda dos Três Companheiros I, FF 1396).

Para os Três Companheiros, a generosa doação feita ao nobre caído teria predisposto Francisco a uma reversão ainda mais radical. Outra nobreza, outra realeza, estava à sua frente. No sonho de Spoleto, contado pela Legenda dos Três Companheiros, em relação ao narrado pelo primeiro biógrafo, a mensagem do Altíssimo bom Senhor torna-se mais clara: "Quem pode ser mais útil para você: o patrão ou o servo?" Ele respondeu: "O patrão". Ele continuou: "Por que então você abandona o patrão para seguir o servo, e o príncipe para o súdito?". O rei das festas, o generoso comerciante de Assis, o aspirante à nobreza da cavalaria começa a compreender qual é o Reino das suas aspirações mais profundas, aquele que preenche totalmente o seu desejo:

Ao retornar a Assis, depois de alguns dias, seus amigos o elegeram uma noite como seu senhor, para que ele pudesse organizar a diversão como quisesse. Ele preparou um jantar suntuoso, como tantas outras vezes. Terminado o banquete, eles saíram de casa. Seus amigos caminhavam na frente dele; ele, segurando uma espécie de cetro na mão, veio por último, mas em vez de cantar, ficou absorto em suas reflexões. De repente, o Senhor o visitou, e seu coração encheu-se de tanta doçura que ele não conseguia se mover nem falar, não percebendo nada além daquela doçura, que o afastava de todas as sensações, de modo que (como ele mesmo confidenciou mais tarde) não poderia ter se movido. daquele lugar, mesmo que o tivessem feito em pedaços. Seus amigos, virando-se e vendo-o tão longe, alcançaram-no e ficaram surpresos ao vê-lo quase transformado em outro homem. Eles o questionaram: "O que você estava pensando, que não nos seguiu? Você está pensando em arrumar uma esposa? Ele respondeu com entusiasmo: "É verdade. Eu sonhava em me casar

com a garota mais nobre, mais rica e mais bela que jamais vistes”. (Legenda dos Três Companheiros III, FF 1402).

O encanto de Domina paupertatae (senhora pobreza)

A linguagem dos cantores provençais continua a ser a chave para a transformação de Francisco ainda por algum tempo. Embora já dê uma ideia do desfecho da realza de *Domina paupertatae*, a elegia do amor cortês de um Francisco que pede esmola em francês também regressa no episódio seguinte da peregrinação a Roma. Segue-se o gesto do trovador que pede a um pobre que troque de roupa por um dia. Da anterior doação das preciosas vestes ao nobre caído passamos para os pobres, mas apenas por um breve momento: uma espécie de ensaio geral da transformação do corpo, que ocorre no episódio seguinte, o do leproso. Aqui os ideais do comerciante de Collestrada, fechado na defesa dos interesses classistas, são afogados para sempre na misericórdia - coração para os miseráveis e outra doçura, vinda da nobreza régia de Deus, agora acende seu desejo de luz: "Alto e glorioso Deus ilumina as trevas do meu coração..."

Na biografia de Tomas de Celano, o abandono definitivo da cultura comercial é, no entanto, dramatizado através da última viagem do cavaleiro, que vai a Foligno vender tecidos e transformá-los em dinheiro, depois abandonado com um gesto de desprezo no canto mais distante da janela, aos fundos da igreja de S. Damiano. É o empresário que, arrependido, agora avalia o dinheiro como se fosse pedra: é exatamente isso que ele teria escrito na sua Regra. Francisco está pronto para o confronto com o pai e o repúdio definitivo à civilização mercantil. A nobreza cavaleiresca foi a intermediária dessa mudança. Com efeito, teria permanecido um ponto de referência para a linguagem sobre a nova realza, a celestial, como vemos na elegia da pobreza, inserida na mesma Regra:

«Esta é aquela sumidade da mais elevada pobreza que a vós, meus caríssimos irmãos, instituiu herdeiros e príncipes do reino dos céus e, fazendo-vos pobres de bens, vos cumulou de virtudes. Seja esta a vossa parte, que conduz à terra dos vivos” (RegB 6,4).

A realza que alimentou o desejo do comerciante a ponto de levá-lo ao encontro do leproso, aquele excluído do sistema mercantil e político da época, torna-se o emblema de uma outra cidadania, aquela que dá acesso à terra dos vivos.

Então, qual foi o motivo que convenceu Armida Barelli e Agostino Gemelli a inserirem o termo realza no próprio título do instituto secular que fundaram? Também subjacente ao seu raciocínio está a proposta de uma alternativa ao poder político e econômico exercido naquele período, primeiro pelo Estado liberal e depois pelo Estado fascista. O primeiro nome escolhido para o nascente instituto feminino, “Terciárias Franciscanas do Reino Social do Sagrado Coração de Jesus”, pretendia, de fato, afirmar o direito dos cristãos de se associarem, de constituírem uma comunidade eclesial: de serem Igreja. Para a doutrina liberal, porém, a religião deveria ser apenas um fato privado, sem qualquer manifestação pública. Todo apoio organizacional e institucional era considerado prerrogativa exclusiva do poder estatal. A outra modalidade associativa era a socialista, que suprimia a valorização da pessoa nos seus direitos individuais, admitindo também o uso da

violência, se necessário para a mudança social, que tinha como objetivo a satisfação apenas das necessidades econômicas.

Nas primeiras décadas do Estado liberal, também em resposta à decisão unilateral de suprimir o Estado papal, os católicos praticaram a abstenção total da vida política. Somente a Primeira Guerra Mundial criou a oportunidade para os católicos italianos se sentirem cidadãos e até patriotas de uma nação que não reconhecia o direito dos católicos de terem o seu próprio pensamento político, a sua própria ideia de sociedade. Depois da guerra, os católicos italianos viram-se portanto confrontados, primeiro com a proposta socialista, que Gemelli tinha experimentado em primeira mão, portanto a imposição fascista de um estado ético, que queria dirigir não só as instituições, mas a própria consciência, a ponto de criar sua própria religião.

Foi nesta conjuntura que o Papa Pio XI, muito próximo tanto da Barelli como de Gemelli, apoiador da Universidade Católica, com a encíclica *Quas Primas* (dezembro de 1925) formula a doutrina da realeza, na base da nova denominação do instituto, que em 1928, por iniciativa do próprio Pio XI, assumirá o título de “Missionárias da Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo”. A doutrina da realeza permite aos cristãos afirmar uma alternativa política, social e até antropológica tanto ao socialismo quanto ao fascismo. Se Cristo não é somente sacerdote, mas também rei, isso significa que pertencer a ele dá o direito de exercer responsabilidade política e ao mesmo tempo exige o compromisso com a construção de um reino, que também terá características temporais, históricas e não só escatológicas. Todavia, não se tratava de um exercício unicamente político; na verdade, para Barelli e Gemelli, é sobretudo cultural, social, laboral e formativo como o projeto da própria Universidade Católica, que pretendia oferecer uma cultura aos católicos e trazê-los de volta à cultura, uma verdadeira alternativa à visão fascista.

A doutrina da realeza do magistério de Pio XI oferece a Gemelli a possibilidade de traduzir para a linguagem contemporânea a tradição franciscana do primado de Cristo: Cristo rei sentado no trono real da cruz, que do seu lado derrama a água da vida e o sangue do amor, é o centro unificador de todas as coisas. Tudo começa com ele, tudo está orientado para ele. É o “Meu Deus e meu tudo” de Francisco. Ele é o Deus em todas as coisas, porque todas encontram nele um sentido, que o Francisco do Cântico reconhece em cada criatura, chamando-as de irmã e irmão. É este mesmo Cântico que Gemelli gostaria de atualizar, como recorda Sticco, acrescentando o verso ao canto dos trabalhadores, porque reconhecia o trabalho como tendo um valor sagrado, o valor de uma verdadeira liturgia. Se Cristo é rei e não apenas sacerdote, então não há separação entre o sagrado e o profano, Deus e a natureza, o céu e a terra, então tudo é sagrado: cada acontecimento, cada realidade, cada fragmento da existência: política e economia, ciência e toda a história. É nesta imagem da realeza universal que Gemelli reconhece a doutrina da convergência de todas as coisas numa só, professada por Boaventura e Escoto. E graças a ela vê a possibilidade de curar a dilaceração que faz sangrar a sua alma, aquela entre ciência e fé, religião e vida, piedade e cultura.

O amor ao crucifixo leva Escoto, como São João Evangelista e São Paulo, à exaltação de Cristo como centro e rei do universo. Esta concepção admirável dá imediatamente o tom franciscano à vida, porque apresenta a natureza, a história, as coisas humanas sob uma luz sagrada como criaturas e acontecimentos destinados, mesmo que

rebeldes, ao triunfo do único Mediador e faz de cada homem um operário e um soldado, voluntário ou forçado, do seu Reino divino, porque o universo foi criado, diz Raymond Lullo para ser cristão e não para outras coisas (Gemelli, Franciscanismo 446)

Armida também vê na realeza de Pio XI, filtrada pela visão franciscana, a possibilidade de um compromisso cristão integral:

Devemos refazer os médicos católicos, não devemos amaldiçoar a imprensa porque existem livros e jornais imorais; em vez disso, devemos formar os jornalistas e escritores católicos; é um absurdo desejar a ignorância só porque em certas escolas, em certas cátedras, se ensina o erro e o desprezo pela religião: é melhor formar novas gerações de professores e professores católicos [...] para fazer triunfar Cristo na sociedade, nas pessoas, na vida quotidiana, no jornal, no livro, na clínica, no tribunal, na escola e talvez nas ruas («Osservatore Romano», 28/29 de Março de 1937).

Daí também uma secularidade que se torna consagração. Afirmar que Cristo é rei é como dizer que Deus não só habita o templo, mas que também está interessado no que está além do *fanum*, a frente do templo. Para Armida, que quer a Universidade Católica ainda mais do que Gemelli, e convence o Conde Lombardo a financiar uma obra cultural e não apenas assistencial, Deus na verdade saiu do templo para se tornar a Palavra criadora de tudo o que existe, para pedir ao ser humano que cuide do jardim que lhe foi confiado, como se quisesse continuar a sua obra criativa. Por isso não pode haver atividade humana que não seja uma liturgia, não pode haver trabalho que não seja sagrado, nem ciência que não seja participação na genialidade divina.

A carne do Verbo já estava preparada desde a criação para o ato de encarnação em que Deus, que era e se faz, aprende a permanecer no tempo, na história, no século. O filho do carpinteiro, que cresce em idade e graça, demonstra assim como o século é a casa de Deus, como a história é o seu corpo porque, como reitera Gemelli, Cristo é a cabeça da Igreja chamada a ser o sacramento da unidade de toda a humanidade. E então Armida compreende perfeitamente que, quando surge a urgência de fazer política, fazemos política, o que não é uma coisa suja! E se fosse?

Na verdade, o instituto ainda não tinha sido aprovado antes que a corajosa Irmã Maior agisse para o bem do país: “Nos primeiros cinco meses de 1946, todas as Missionárias foram balançadas quebradas para a preparação das eleições de 2 de junho... As missionárias pela vocação são fermento escondido na massa e na campanha eleitoral agiram como simples cidadãos e com o papel que lhes foi atribuído pelas suas responsabilidades sociais (Nossa história)”.

E Jesus, não se sujou quando foi levado a Pilatos com a acusação de ter-se feito rei dos judeus: quando questionado por ele sobre esta realeza, explica que sim!, ele é rei, mas não à maneira dos potentes; que sua realeza está disposta a ter seu coração despedaçado. Se a realeza é igual à secularidade: é aceitar o confronto com Pilatos, então a consagração, operada por esta secularidade, é entregue à história, a toda a história e a cada história; é o sim a uma lança que pode ser dirigida contra o coração e trespassá-lo.